

Uma difícil reabilitação — Castro Alves por Eugenio Gomes

Ívia Alves
Universidade Federal da Bahia

Resumo

O artigo resgata as mudanças de enfoque da crítica de Eugenio Gomes sobre a obra de Castro Alves e assinala como as últimas leituras do crítico ainda se mantêm atuais.

A longa atuação crítica de Eugenio Gomes pelos principais periódicos da então capital do país resultou em uma produção de cerca de quatrocentos artigos. Desses, o autor preocupou-se em perenizar em livros aqueles ensaios que traziam uma análise ou uma interpretação nova, iluminando uma obra ou um fragmento desta, deixando de lado as incursões circunstanciais, como notícias, resenhas e artigos não conclusivos.

No conjunto de sua obra, seis livros referem-se ao seu papel de intermediário entre as literaturas do Brasil e da Inglaterra. Seu primeiro livro nesta área é o estudo monográfico *Um poeta: Rupert Brooke*, de 1926, sendo, posteriormente publicados na área *D.H. Lawrence* (1936); *Espelho contra espelho* (1949); *O romancista e o ventríloquo* (1954); *O romantismo inglês* (1956) e *A neve e o girassol* (1967).

Na área específica de literatura comparada, Eugenio Gomes escreveu em 1939, *Influências inglesas de Machado de Assis*, que, devidamente modificado e ampliado, foi novamente publicado como a primeira parte do livro *Espelho contra espelho*. A sua pesquisa mais completa está em *Shakespeare no Brasil*, publicado em 1961.

Os livros que contêm estudos exclusivamente de autores nacionais são em maior número, sem excluir o estudo monográfico de estréia, *Manuel Bandeira: poeta xexêu*. Esse livro de 1927, posteriormente, foi omitido pelo autor em todas as suas relações bibliográficas. A partir da década de 50, o crítico baiano publica: *Prata de casa* (1953), *Visões e revisões* (1958), *Machado de Assis* (1958), *Aspectos do romance brasileiro* (1958), *Ensaios* (1958) e *O enigma de Capitu* (1968). Elaborou ainda encomendas para a editora Aguilar das obras completas de *Adelino de Magalhães* (1957) e a edição crítica de *Castro Alves* (1960). Para a coleção "Nossos clássicos" da Agir, elaborou estudos e editou *Castro Alves* (1960), *Machado de Assis: crônicas* (1963) **Machado de Assis: contos** (1963) e Antonio Viera: sermões.

Observando-se esta volumosa produção, nota-se a preferência de Eugenio Gomes por determinados autores, como Machado de Assis e Castro Alves, que mereceram análises pelos mais variados ângulos. Dedicou quase metade dos seus ensaios ao estudo dos dois escritores brasileiros.

Após 1946, o cenário literário brasileiro estava aberto para uma novaitura da literatura produzida antes do modernismo e Eugenio Gomes engajava-se neste projeto, fazendo coincidir suas preferências pessoais com a proposta nacional de releitura dos escritores do século XIX. O ensaísta volta, então, com novos instrumentais teóricos, a debruçar-se sobre os textos de Machado de Castro Alves para uma nova interpretação.

No caso de Castro Alves, o ensaísta encaminha-se para a análise da gênese da obra e para o estudo dos procedimentos estilísticos, acenando com a sua reabilitação.

Cem anos não bastaram para dar qualquer traço de ancianidade a Castro Alves. Sua figura varonil e fascinante é um milagre de perpétua juventude reanimada ininterruptamente pelo enlevo de sucessivas gerações. O lírico apaixonado que deu à língua nacional os acentos mais doces já transplantados para o verso; o poderoso épico que, sob os impulsos generosos de uma profunda consciência social, desferiu os cantos mais atrevidos e proféticos que jamais ecoaram neste lado do Atlântico, sempre encontrará ressonância na alma comovida do seu povo. É compreensível, portanto, que nele seja celebrado principalmente o poeta declamatório, cujos estros mais característicos de ternura, piedade ou revolta se expressavam numa linguagem rica de timbres quentes e sonoros que corresponde ainda a um imperativo irrefugível de nossa raça. (CM: 16.3.47)

Com este discurso apaixonado, Eugenio Gomes abria o ensaio comemorativo do centenário de nascimento de Castro Alves, em 1947. Mas este seria o último de seus artigos em que o tom elogioso - com a intenção de recuperar a imagem do poeta romântico — abafaria a análise distanciada da obra através de suportes formais. Este artigo significaria na obra de Eugenio Gomes a fronteira limite entre duas atitudes diante da obra de um autor — uma, anterior, marcadamente impregnada de traços impressionistas e a que vem a seguir nos anos 50, centrada na “imanência do texto literário”.

Centrando-se no estudo da obra de Castro Alves, pôde o crítico compreender as limitações apontadas por outros, notadamente Mário de Andrade e assim, deslizar para outra vertente da obra. Explorando os poemas líricos, pôde enriquecer a análise da obra do poeta com inúmeras achegas e interpretações.

Eugenio Gomes escreveu ao todo sobre a produção poética de Castro Alves, vinte e dois artigos, além de ter organizado e prefaciado dois livros. Na

sua primeira intervenção, ao resenhar o romance de Matheus de Albuquerque, **A mulher entre dois homens**, Eugenio Gomes contesta a opinião do personagem principal, um crítico doublé de poeta, que considerava Castro Alves um mau poeta. Instado por esse comentário, o crítico baiano revela-se um apaixonado defensor do poeta romântico, afirmando que sua poesia encontra ressonância com o público leitor por ser Castro Alves *o produto da raça, o gênio da raça. (O IMP: 5.8.28)*

Apesar do julgamento demolidor dos críticos modernistas sobre a poesia de cunho social de Castro Alves, a popularidade do poeta entre o público brasileiro dividia e inflamava os estudiosos. Para o ensaísta, esta contradição entre o juízo da crítica e o gosto do público leitor devia-se a uma correspondência entre a sensibilidade do povo e a poesia do poeta baiano.

Mais dois ou três artigos de Eugenio Gomes, antes de 1948, vão seguir este mesmo filão, sempre a rebater as restrições de críticos, apoiando-se na palavra de outros, como Xavier Marques e Ronald de Carvalho. É inclusive lastreado no julgamento deste último que o ensaísta baiano afirma, em pleno momento de demolição da obra do poeta romântico, que a sua poesia contém *o lirismo declamatório, empolado e brilhante, onde refulgem, de trechos em trechos, imagens de uma formosura atrevida, o próprio caráter grandiloquente de nossa raça. (O IMP: 5.8.28)*

Todavia, no próprio artigo-limite, de 1947, Eugenio Gomes já começava a se desviar das poesias de cunho social, deslocando a reabilitação do poeta, através da sua poesia lírica. Apoiando-se nas reflexões de Machado de Assis, escreve:

Entretanto, se Castro Alves está fadado a subsistir indefinidamente pelo magnífico esplendor de seus versos em que o delírio verbal subjuga o pensamento, entretendo-o com um jogo de efeitos fáceis, a verdade é que não é pelo caminho mais rumoroso de palavras que se deve procurar a essência de sua poesia mais duradoura e impermeável às flutuações do gosto. (CM: 16.3.47)

Este novo olhar do ensaísta, sugerido por Machado de Assis, apoiava-se principalmente, neste trecho: *aquela face em que Castro Alves casa a pureza de sentimentos com a musicalidade, criando uma poesia profunda e terna*, levará o crítico a descartar o estudo dos poemas mais populares do autor, aqueles marcados pela oratória ou pela sensualidade.

O último estudo sobre a obra do poeta romântico tinha sido do modernista Mário de Andrade, publicado em 1939 e reunido em livro em 1945, em *Aspectos da literatura brasileira*. Neste, o estudioso paulista, ao lado da positividade da criação inventiva e imaginosa de Castro Alves, indicia uma obra falha pois

... não deixa a menor promessa, porque lhe faltam por igual a paciência, a profundidade e o amor de se cultivar.[...] Não se percebe na obra dele a menor possibilidade de acréscimos futuros. É um realizado, [...] Assim, teve a felicidade de morrer a tempo, para não arrastar pelos anos uma juventude brilhante, genialmente brilhante e insatisfeita. Mas insatisfatória também (Andrade: 1974; 112)

A crítica contundente de Mário também questiona a poesia de cunho social do poeta baiano, e o julgamento e avaliação da obra levam-no a concluir:

Jamais [Castro Alves] sentiu aquela real vontade de organização que torna Gonçalves Dias, sobre todos, exemplar. Castro Alves não. É todo instinto e "bravura". É todo verbo e sentimento. Em vez de se instalar estaticamente em nossa consciência como quem rasga o caminho das tradições ou abre a porta dos mares e de qualquer amplidão: com todo o seu brilho floral, ele brinca em nossa condescendência como um eterno menino-prodígio.

Mas, neste sentido, sempre é certo que ele permanece até agora a imagem mais possível da mentalidade nacional. O que é uma pena para a mentalidade nacional. (Andrade: 1974; 123)

O estudo de Eugenio Gomes relativo à produção poética do escritor baiano, sem auxílio dos fatos biográficos ou psicológicos, fez o crítico corrigir e preencher determinadas omissões de estudiosos anteriores. Se por um lado, seus comentários passam a dar atenção à obra publicada, por outro, procuram resgatar os poemas dispersos e manuscritos, para corrigir possíveis falhas e lacunas das edições anteriores da obra. Os resultados desta pesquisa resultam no resgate de todas as variantes de versos, para a edição da Aguilar, o que foi feito dentro das técnicas da crítica textual.

A série de ensaios elaborados por Eugenio Gomes, posterior a sua apropriação de procedimentos teóricos do século XX, e antes da publicação da Aguilar, segue três caminhos, todos objetivando uma nova mirada na obra do poeta.

O procedimento mais constante orienta-se pela filologia histórica para estabelecer o texto primário e a definição de autoria. Por esse ângulo, o crítico vai utilizar-se também de áreas afins, como meios auxiliares aos seus objetivos: a biografia, a história, a semântica diacrônica, a paleografia, além de inúmeros documentos extra-literários, como cartas, jornais, revistas da época, depoimentos de contemporâneos e diários.

O manejo adequado da técnica filológica torna-se evidente nas décadas de 50 e 60 pois, nesse período, Eugenio Gomes publica mais nove ensaios sobre tópicos da crítica textual. Evidentemente, tais ensaios decorrem de suas investigações, levando o pesquisador a um transbordamento de informações superiores ao continente da edição crítica, muito embora fossem elas impor-

tantes para a reconstituição histórica do período e para o estudo da gênese dos poemas.

A abordagem filológica em que está inserida a edição crítica de textos fazia-se necessária no caso de Castro Alves, por ter o pesquisador encontrado muitos poemas esparsos e dispersos em periódicos da época e que ainda não tinham sido incorporados. São esses estudos que irão enriquecer a publicação da obra completa pela editora Aguilar. O organizador escreverá, no Prefácio, que *"dá o texto de Castro Alves com bases em sua pesquisas, tal como acredita ter sido escrito pelo autor, expurgando 'as correções' feitas por Afrânio Peixoto, seu 1º editor, e apresentando ao pé da página as variantes"*.

Alguns dos ensaios dão conta da gênese da obra, como o ensaio intitulado "O Esboço a Ode ao Dois de Julho". O crítico, partindo do manuscrito-esboço, detém-se a descrevê-lo com detalhes a fim de explicar os elementos reveladores da sua criação. O manuscrito, constando de desenhos e da maioria das estrofes, segundo o crítico, dá idéia do processo de criação de Castro Alves que publica o poema quase sem grandes modificações em relação à sua primeira escrita, justificando a visão corrente de que o poeta era espontâneo e impetuoso ao escrever de um só jato. O pesquisador demonstra que algumas estrofes permaneceram quase iguais à fatura inicial, embora outras tenham sido modificadas. Esta constatação poderia denegrir a imagem do poeta e por causa disso Eugenio Gomes justifica esses *desregramentos*, articulando-os com a situação e atmosfera cultural da época em que o poeta viveu. Segundo ele, no romantismo, a luta pela liberdade de expressão e pela espontaneidade estava articulada ao estilo pomposo e à oratória, pois a poesia era para ser ouvida. Daí, os poemas conterem imagens e pontuações em função de impressionar o público-ouvinte.

Os comentários de Eugenio Gomes acerca de manuscritos passam a ser mais complexos ao se aproximar da época de publicação da obra pela editora Aguilar. Por essa época, o crítico comenta a dificuldade de fixar a pontuação original das poesias de Castro Alves, porque, em geral, o poeta não seguia a norma. Justificando o constante emprego de exclamações, reticências, hífen, como intenção consciente de Castro Alves, o analista interpreta tal emprego como meio de tirar o máximo efeito da sensibilidade do ouvinte, visto que as poesias de cunho social foram criadas para serem declamadas. Também considera importante a liberdade que o poeta romântico tomava ao insurgir-se contra a pontuação gramatical, assumindo as exceções.

Os artigos "A gênese do Gonzaga" e "Os percalços de Gonzaga" enveredam pelos estudos de fixação da data de elaboração da peça. Através de fatos e do acompanhamento da trajetória de vida do seu autor de Recife a São Paulo, o pesquisador resgata o itinerário e estabelece a provável data da fatura.

A descoberta de um poema sem título e sem autor, na *Revista do Sol*, leva Eugenio Gomes à suposição de que Castro Alves era o seu autor. A partir do cotejo com outros poemas de Castro Alves e pela análise da construção das metáforas e das imagens, consegue evidenciar que o poeta é o seu autor. (ESP: 8.5.57) Dentro dessa mesma perspectiva histórica, inserem-se os pequenos artigos sobre o estudo das variantes de um verso da “Canção do violeiro” e a fixação no texto da palavra *despertada* em vez de *despeitada* no poema “Adormecida”.

Os estudos filológicos vão obrigar o pesquisador a enveredar também pela semântica diacrônica. Ele estuda as modificações semânticas sofridas pela palavra “camélia”, que no início do romantismo sugeria a idéia de castidade e já nos momentos finais do movimento, transita para a idéia de perdição moral, contaminada pela peça *A dama das camélias*.

Em “Acerca de uma variante”, o ensaísta utiliza-se da comparação com outros poetas românticos, brasileiros ou estrangeiros, para justificar o emprego que faz Castro Alves da forma *os orvalhos descem*, que embora não corresponda à realidade do fenômeno, torna-se a forma eleita.

O segundo caminho crítico é o estudo intra-textual da produção de Castro Alves. Aprofundando na poesia e na crítica romântica inglesa ainda como parte desses estudos, o crítico resgatou os parâmetros da atmosfera vivenciada pelo poeta baiano em seu momento. Em 1950, através da análise do texto, vai o crítico lograr seu intento, isto é, conseguir explicar a obra pela linguagem. Em “As imagens do movimento em Castro Alves”, subsidiado pelos teóricos ingleses I. A. Richards e J.M. Murry, o crítico trabalhando com as imagens visuais, chega à conclusão de que elas são o elemento estruturador da forma de expressão do poeta. Através delas, Eugenio Gomes demonstra que este procedimento contribui para a sensação de dramaticidade de certos poemas: *O senso dinâmico de Castro Alves era um índice de seu extraordinário poder dramático, revelado em tantas composições, às vezes incidentalmente*. Com esse estudo, o ensaísta baiano passava a explicar que o poder dramático do poeta o levou a utilizar-se de uma linguagem de efeito, que encontrava ressonância no público.

Pode-se cotejar os estudos de Eugenio Gomes e Mário de Andrade para se observar como o crítico baiano estabelece um diálogo com o paulista no propósito de resgatar a imagem de Castro Alves, preocupando-se em focalizar a lírica e responder às falhas apontadas pelo crítico modernista.

Finalmente, após a publicação da edição crítica de toda a produção de Castro Alves, o ensaísta passa a fazer incursões através da abordagem estilística. “Duas grandezas”, “Tema pastoril” e “A poesia do eco” refletem as

novas aquisições metodológicas. No primeiro ensaio, compara Euclides ao poeta, aproximando-os pelos procedimentos estilísticos empregados para a descrição de paisagens. Em *Tema pastoril*, o crítico elege o tema do pastor morto mas não sepultado em cemitério, tema de poemas da Idade Média e que ainda se encontra presente na obra do poeta romântico.

Finalmente, no último artigo, o ensaísta trabalha com o emprego do “eco”, nas suas diferentes acepções, isto é, como tema mitológico, como sentido referencial de propagação de som e como recurso formal estilístico. Observando as três acepções, o crítico consegue detectar que a maior frequência de uso do “eco” refere-se à propagação de som, sendo raramente empregado como recurso estilístico formal.

Eugenio Gomes, assumindo o papel de defensor de Castro Alves, contestou todos os críticos contemporâneos que fizeram restrições à obra do poeta. Primeiramente, ele investiu contra as conclusões de Mário de Andrade. “Sobre poesia” é um artigo em que ele discute a divergência de interpretação da poesia de cunho social de Castro Alves. Em seu estudo, Mário de Andrade escreve: *“Castro Alves jamais ergue os escravos até a sua altura, mas se abaixa até os seus irmãos inferiores”*. (Andrade: 1974;111) Eugenio Gomes procura explicar a razão desta postura do poeta, através da concepção da *capacidade negativa*, desenvolvida por Keats e atualizada por Eliot, a qual identifica tal posição como a atitude assumida pelos poetas objetivos. A *capacidade negativa* seria a possibilidade de o poeta estar aberto para o mundo com a *obliteração da sua personalidade concreta*. Castro Alves teria esta capacidade, pois saía de si e incorporava a visão do “outro”. Este tipo de poeta seria diferente do tipo subjetivo. (CM: 25.2.51) Citando Eliot e reforçado pela tradição inglesa de que há dois tipos de poetas — os objetivos e os subjetivos —, Eugenio Gomes situa Castro Alves entre os poetas objetivos. Os poetas modernistas seriam do tipo subjetivo, *“cujo fito é exibirem a sua personalidade, desenharem auto-retratos, confessarem-se, expressarem-se a si próprios”*. Portanto, com o auxílio dos subsídios teóricos dos autores ingleses, Eugenio Gomes recoloca a questão da poesia social, por outro ângulo, sem precisar recorrer à defesa emocional.

Uma segunda reparação foi para a edição da obra de Castro Alves por Jamil A. Haddad. Acusando o editor de não respeitar a pontuação dos textos, Gomes afirma que Haddad deu prioridade aos seus estudos interpretativos em detrimento da fixação correta dos textos.

Em outro artigo, o ensaísta critica o estudo de Frederico J. da Silva Ramos, que afirma só ter Castro Alves entrado em contato com a obra de Byron ao chegar a São Paulo. Eugenio Gomes recupera, através de documentos, citações e indicação de traduções, que o contato do poeta baiano foi

ito anterior, ainda em Salvador, como comprovam fragmentos de traduções suas da obra do poeta inglês.

Durante os 40 anos de atividade crítica, Eugenio Gomes sempre investiu contra aqueles que levantavam alguma dúvida sobre o valor de Castro Alves. Não conseguiu reabilitá-lo totalmente, a sua obra é testemunho de sua tentativa. As restrições que se pode fazer à releitura de Eugenio Gomes sobre a obra do poeta baiano já estão, de certa forma, gravadas em vários livros de crítica. A sua preocupação em resgatar a intenção do poeta encontra restrições críticas contemporâneas. Mas, apesar de tudo, a sua contribuição para uma releitura de Castro Alves apresenta-se ainda como uma possibilidade atual.

Résumé

L' article reprend les changements d' abordage de la critique d' Eugenio Gomes sur l' oeuvre de Castro Alves et signale l' actualité des derniers apports du critique.

Abreviaturas empregadas

CM - **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro.

O IMP - **O Imparcial**. Salvador.

ESP - **O Estado de S. Paulo**. São Paulo.

PC - **Prata de Casa**. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1953.

Referências Bibliográficas

Os ensaios de Eugenio Gomes sobre Castro Alves são:

1. Apagado, como? *O Imparcial*, 5.8.28.
2. Castro Alves e o sertão. *Revista da Bahia*, jun., 1935; *PC*, 1953.
3. Castro Alves / Um desenho de Castro Alves. *Jornal do Brasil*, 15.3.36; *Correio da Manhã*, 2.8.52.
4. Castro Alves. *Correio da Manhã*, 16.3.47.
5. Castro Alves/ As imagens do movimento em Castro Alves. *CM*: 30.7.50; *Prata de Casa*, 1953.
6. Sobre poesia. *CM*, 25.2.51; *Diário de São Paulo*, 20.4.58.
7. Lord Byron e Castro Alves. *Correio da Manhã*, 3.4.53.
8. *O esboço da Ode ao Dois de Julho*. *Correio da Manhã*, 30.5.53; *Visões e Revisões*, 1957
9. Os textos de Castro Alves. *Correio da Manhã*, 19.12.53.
10. Poema atribuído a Castro Alves. *Prata de Casa*, 1953.
11. A pontuação de Castro Alves. *Estado de São Paulo*, 16.3.57.
12. Queres flores? Queres canto? *Estado de São Paulo*, 8.5.57.
13. O epíteto em Castro Alves. *Estado de São Paulo*, 25.1.58.
14. A gênese do Gonzaga. *Correio da Manhã*, 12.11.60; *Diário de São Paulo*, 20.11.60.
15. Os percalços do Gonzaga. *O Globo*, 21.1.61.
16. O poeta e a viscondessa. *O Globo*, 18.3.61.
17. Seria Castro Alves espírita? *Diário de São Paulo*, 10.9.61.

18. Duas grandezas. *Diário de São Paulo*, 26.8.62.

19. Tema pastoril. *Diário de São Paulo*, 18.8.63; *Jornal de Letras*, set., 1963. Manuscrito de Castro Alves. *DSP*, 23.2.64.

21. A poesia do eco. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 5.10.68.

22. Acerca de uma variante/ Uma variante poética/Variante de Castro Alves. *Jornal de Letras*, jun., 1963; *Jornal do Brasil*, 26.6.71.

Livros publicados:

Castro Alves: Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960 (editor crítico) "Castro Alves e o romantismo" (Introdução) "Apêndice: notas e variantes".

Castro Alves. Rio de Janeiro: Agir, 1960. *Coleção Nossos Clássicos*. N. 44.

Bibliografia de apoio:

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 5a. ed. São Paulo: Martins, 1974.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1959.

IMBERT, Enrique A. *A crítica literária: seus métodos e problemas*. Coimbra: Almedina, 1987.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. Vol. VI (1915-1933); 1979. vol. VII (1933 - 1960)

WELLEK, R, WARREN, A. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962.